

Camila Alexandrini

07.09.21

Até a Lua
ida e volta
e mais meia
os corpos enfileirados de brasileiros e brasileiras
um cordão sangrento
na atmosfera da Terra.

A pandemia matou
os jovens negros
as mulheres trabalhadoras
es sujeites à margem.
O pandemônio assinou embaixo.
A vacina chegou atrasada
no lugar dela, fuzis
600 mil vidas
sem voltas.

E se contássemos também
os corpos das populações indígenas
as vidas arrancadas de África
as histórias não contadas do povo
os amores assassinados pelo ódio
as trans-feridas para a vala
quantas voltas dariam?

A resistência não para
enganam-se os que pensam vivermos uma distopia
a luta é histórica.
Acendemos velas
entoamos hinos
organizamos manifestações

escrevemos versos revoltos
desafiamos a lógica do capital
transamos ao meio-dia.

Não somos astronautas
Nosso pé está fincado na mãe-terra.
Mas, se fôssemos, o que veríamos?
Planalto Central invadido por bois
que assolam o terreno infértil.
A Amazônia em chamas
com festas clandestinas a preço de dólar.
As baleias jubarte encalhadas no litoral
sem rota tampouco saúde.
O preço do feijão valendo mais
que bala no cartucho.

Em solo brasileiro
aterrizou a catástrofe
e do alto de seus mandatos
enviaram qualquer proposta
para Marte.
Todos os projetos em defesa dos direitos humanos
explodiram no ar
minutos depois de lançados ao espaço.
E todos eles, juntos, da bandeira,
aplaudiram de pé o desfile das forças armadas.

Catástrofe 21

Deveria ser o nome deste foguete

E ele daria

três

dois

um

Voltas e meia ao redor da Terra

anunciando o fim dos tempos.

O projeto que deu certo

é o Brasil que muitos querem.

Às margens do Guaíba

derrama este 7 de setembro em água

de chuva

de lágrima

de raiva.

As mensagens que chegam da II Marcha das Mulheres Indígenas

alertam

“Busquemos equilíbrio pra resistir com amor”.

Há de se continuar.

Da cabine da spaceship

Vê-se um Brasil que ainda está aqui.

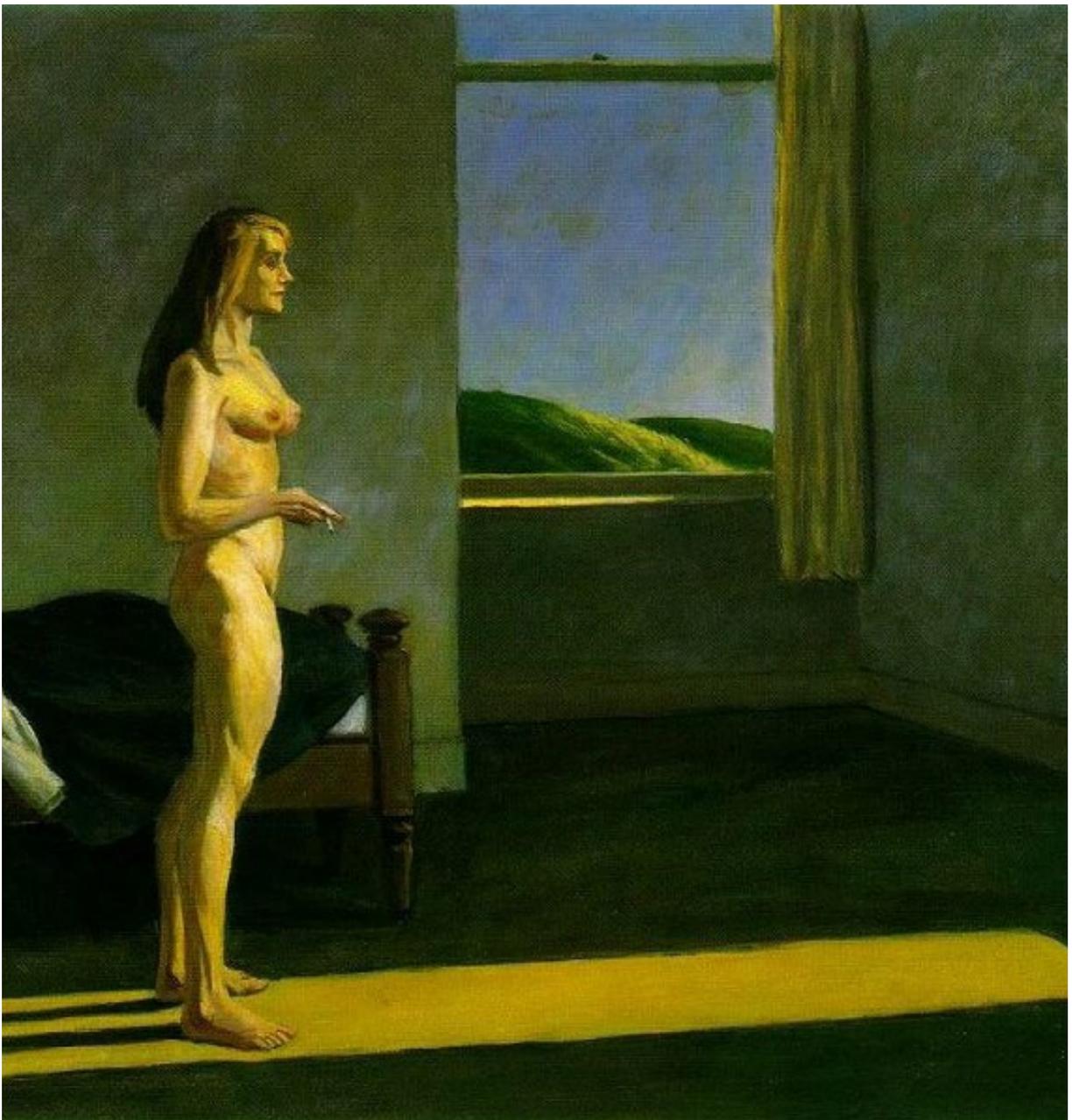
E não,

não desistiremos.

#forabolsonaro

Camillo José

A WOMAN IN THE SUN, 1961



A WOMAN IN THE SUN, 1961

A woman in the sun, Edward Hopper, 1961

como uma
secreta eternidade

amplificada
no silêncio volúvel

de abelhas invisíveis

a trajetória do sol
em decadência

germina a silhueta
do mundo

nos origamis de tua pele.

antecedes
a sede, o susto

e a momentânea estrutura
dos castelos de areia

: paixão silvestre
pelas coisas inconscientes

, incendiária quimera

na relva inabitável
das fotografias.

Camillo José

MORNING SUN, 1952



MORNING SUN, 1952

Morning Sun, Edward Hopper, 1952

falemos de tessituras,
da matéria porosa
precursora de orvalhos,

da elástica termologia
do sal em aquiescência;

falemos da aerodinâmica
dos corpos coexistentes

(os nomes que habitaram
as plantas da tua infância)

da solitude implícita
nas pequenas associações

da mimesis irrevogável
da nossa memorabilia;

da mitologia do hálito
ao alcance do flanco,

da ausência de crase
na gramática oceânica
dos amores infravermelhos;

dos mecanismos de fala
enquanto espuma
a recompor hemisférios,

da partitura em teus astros
quando minguentes
sobre as conchas da minha mudez.

Eudes Martins

AVOIR

Como pássaros
Em meio
Aos canaviais.

Vivo solto,
A voar.
Sonho voador.

Canto
Como quem
É feliz
No matagal.

O que eu
Tenho
Não se possui,
Se liberta.

Link para ouvir o poema:

https://drive.google.com/file/d/1F8sHPjqAPICOk9aHjVxA_Fw9FB4PNv5r/view

Eudes Martins

TÃO SENSUAL QUANTO O ESPÍRITO

Quero
Teus pelos
E a derme

Que ser nenhum
Ousou
Tocar.

São teus
Sussurros
Mais elegantes
Que os gemidos.

Feita de palavras
E de poemas
Que não consigo
Traduzir.

Geórgia Alves

NEM A VIDA, NEM A MORTE

Faziam amor com agá maiúsculo. Faziam dos dias o sol da noite. Fizeste de mim o que bem, bem mesmo, quisemos. O que quero contar não é sobre a vida nem a morte. Não é sobre passado ou futuro. É puro presente. Não é de leite, nem líquido. Não é água, nem fogo. Não é nem sobre nascer ou morrer. É o que está entre os dentes toda vez que prendo uma palavra.

Toda vez que invento a norma. Toda vez que desrespeito uma lei. Quais são as leis do universo para viver bem? Quais são as leis da vida para se morrer em paz? O que a dor representa se o meu braço dói quando meu coração é o que importa? No pequeno apartamento onde está neste exato instante, teu corpo pede o que deseja o meu. E nada disso será senão o desato de nenhum nó. Nos tornamos frios e sensatos. E a vida não existe mais, e a morte em paz será adiada para sempre.

E viveremos cem anos para que alguém escreva no jornal, que não existe mais:

“viveu uma vida longa e próspera”.

Urubus sobrevoam esta página. Não é um conto. Não é crônica. Meu modo de ser é. Não sou dado ao tempo ou à brevidade. Sou novelesca no meu ser científico. E científica num romance. Quero que nem a vida nem a morte sejam mais que este instante. O momento exato em que toquei seu dedo indicador e nos fundimos.

Meu joelho tocou seu joelho.

Nosso encontro não se deu porque preferi continuar uma rosa com meus espinhos. E não enxergar da tua varanda o sol nascer vermelho. Quem quiser ir contigo à boa vista sou

eu, não meu corpo. Este não enxerga mais, senão com a ajuda dos óculos. Lacrimejam por nada. Derramam fluidos por tudo. E não olham mais a face do amor.

O que esperam eu não sei.

Nem em vislumbre. E o homem passará a modernidade inteira com uma palavra presa.

Insurgente.

Iaranda Barbosa

GOTA D'ÁGUA

Capitão abriu os olhos pela manhã e resmungou. Finalmente a Quarta-feira de Cinzas chegou. Finalmente o inferno desse Carnaval vai terminar. Povo desocupado. Bando de putas, viados, drogados, favelados e marginais. Mataria todos se pudesse e higienizaria a cidade, acabaria com essa escória. Todo ano a mesma coisa. Serviço diário, calor, sujeira, som alto, multidão e aquele fedor. Ahhhrrg. Era o pior de tudo. A catimba de mijo e suor em todos os pontos da cidade. Mas pelo menos agora acabou. Só daqui a 300 dias, quando o ciclo da imundície e da depravação com as malditas prévias vai dar início a um novo pesadelo.

Olhou para o par de coturnos ao lado da cama e sentiu os pés formigarem junto com algo pegajoso entre os dedos. Sudorese esquisita, deve ser o cansaço, murmurou. Afinal, há meses não havia parado um único fim de semana. Trabalhou duro em todos os serviços, principalmente no último sábado. O pior de todos os dias. Maldito bloco. Mais de um milhão de pessoas naquelas vias estreitas, naquele sol escaldante, praguejou. Tentou de todas as maneiras trocar a escala, mas foi impossível. O contingente está no limite. Batalhão e tropa completos na rua, ouviu de seu superior. Mas passou, estava livre, iria tomar um banho e aproveitar o dia para fazer nada. Remoía esses planos quando sua esposa entrou no quarto dizendo:

– Acabei de ver no jornal que quatro rapazes foram obrigados pela polícia a pular no rio durante o desfile do bloco, no sábado. Três sobreviveram e um continua desaparecido. Que tristeza. A maré tava alta. Estão procurando o corpo entre os galhos do manguezal. Também pode tá enterrado na lama. Você viu algo?

– Não. Mas pra que se preocupar? É menos um pra fazer arrastão, cheirar loló e dançar feito cachorro no cio.

– Era um adolescente... Os outros estão internados. Só hoje conseguiram falar por causa do trauma e da poluição que infeccionou a pele e os rins.

– Tsc. Besteira. O café já tá pronto?

A esposa de Capitão olhou em silêncio para ele e depois para o par de coturnos ao lado da cama. Movimentou a cabeça afirmativamente e saiu do quarto.

À mesa, percebendo que o marido estava com a testa molhada, perguntou quase sabendo a resposta:

– Você tá com calor?

– Quando é que aqui não faz calor?

Devolveu a pergunta levantando-se e retornando em direção ao quarto.

Ao percorrer com o olhar o corpo do marido, notou a camisa encharcada nas costas e manchas arredondadas e escuras nas áreas das axilas. Estranho, logo ele, tão fissurado em limpeza. Abriu a boca para fazer o comentário, mas optou apenas por vê-lo afastar-se e deixar atrás de si marcas pegajosas no chão e um forte cheiro adstringente.

Capitão deitou-se. O formigamento dos pés subia em direção às pernas, que lhe pareceram inchadas, como acometidas pela elefantíase. Sentiu comichões por todo o corpo e uma protuberância na garganta, que lhe impedia de respirar. O peito parecia que iria explodir, os olhos queriam saltar das órbitas, a cabeça latejava, o nariz ardia, a pele do rosto inflava, pequenas lacerações já começavam a aparecer, sentia o maxilar extremamente aberto e, na iminência de gritar, viu a mulher parada na porta do quarto, de braços cruzados. Mal ouviu a sua voz:

– Vai dormir o dia todo? O almoço tá pronto.

Levantou-se com dificuldade. A boca amargando, os dentes doloridos, a língua espessa.

Ao chegar à cozinha, a mulher reparou os cabelos dele estranhamente pegados ao couro cabeludo e muito suor escorrendo pelas laterais do rosto. Teve a sensação de que ele estava com a pele escurecida e com olheiras profundas, resultantes de noites em claro. Estaria doente?

– Você tá bem?

Mas Capitão permaneceu calado. Sentou-se e passou todo o almoço olhando fixamente para o prato. O aroma da comida não o apetecia, o estômago parecia cheio, o alimento aparentava ser pastoso e de sabor repugnante. Até a disposição para segurar os talheres era ausente, pois sentia seus braços cansados, como se tivessem nadado horas contra uma correnteza fraca, mas contínua.

Levantou-se e saiu tropeçando e deixando marcas úmidas de suas mãos nas paredes do corredor.

No fim da tarde, a mulher sentiu um cheiro de maresia. Percorreu a casa e parou diante do quarto. Olhou para baixo e viu que saía pela fresta da porta um líquido escuro e espesso. Entrou e encontrou minúsculos siris que fervilhavam em uma enorme poça de lama bem no meio do cômodo. Fitou demoradamente o par de coturnos ao lado da cama. Saiu e em seguida voltou com balde, esfregão e desinfetante.

Malthus Queiroz

TRAVESSIA

Desta rua, quanto tempo não havia ainda,
Eu queria alcançar o outro lado.
Mas a rua era uma ponte infinda,
E o dia acabava sempre inacabado.

Não sei se o que me era desejado
Era mesmo aquilo que eu queria.
Se ambicionava propriamente o outro lado
Ou queria mais a travessia.

Quando, enfim, cheguei ao outro lado,
Vi que outro lado não havia,
Que o lado de lá fora apagado
Enquanto o de cá se destruía.

E entre um lado mudo e um olvidado
Vão meus passos, como se fossem passo alheio
Por esta rua de abril imaginado
Onde o silêncio é vasto, e o horizonte, meio.

TRAVESSIA

Malthus Queiroz

ISTO

Isto que sinto
Que é sem nome
— pois não há que date ou resuma —
Isto que é gigante
No universo dos elementos indenotos

Este isto
Que só entendo quando sinto
E que foge quando o penso

Isto que é de rubro indefinido
E que só eu sei rubro
Pois não há que me conteste

Isto pode ser fogo instinto
chama lua vinho
gosto tato hálito
desejo do teu gozo
corpo ávido
hábito, ventania

Pode também ser tudo isso misturado
E pode mesmo ser só uma poesia.

Paulo Gustavo

CANÇÃO DO EXÍLIO HOJE

Minha terra tem exílios
Onde cala o sabiá.
Permita Deus que o silêncio
Fale tanto quanto o mar.

Em cismar sozinho, insone,
Espero a noite passar.

Minha terra tem vestígios
De um país por inventar.

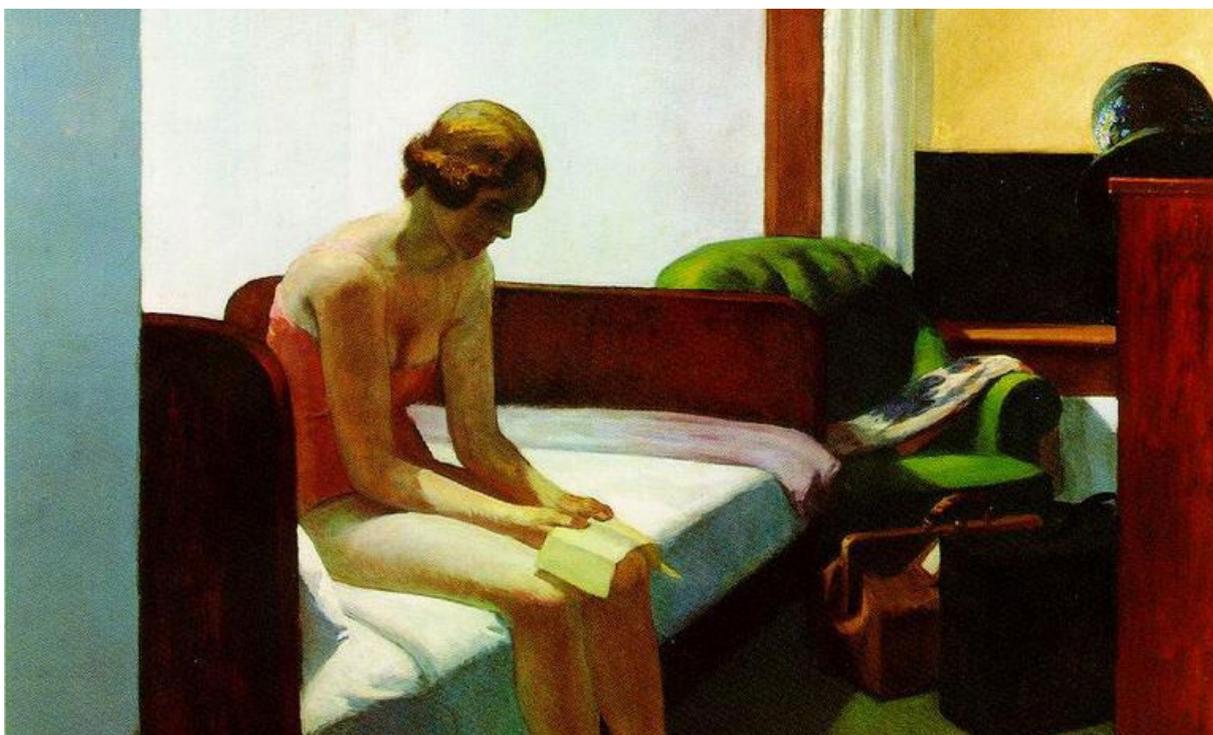
CANÇÃO DO EXÍLIO HOJE

Paulo Gustavo

QUARTO DE HOTEL

(Inspirado na pintura homônima de Edward Hopper)

Para Romero Pereira

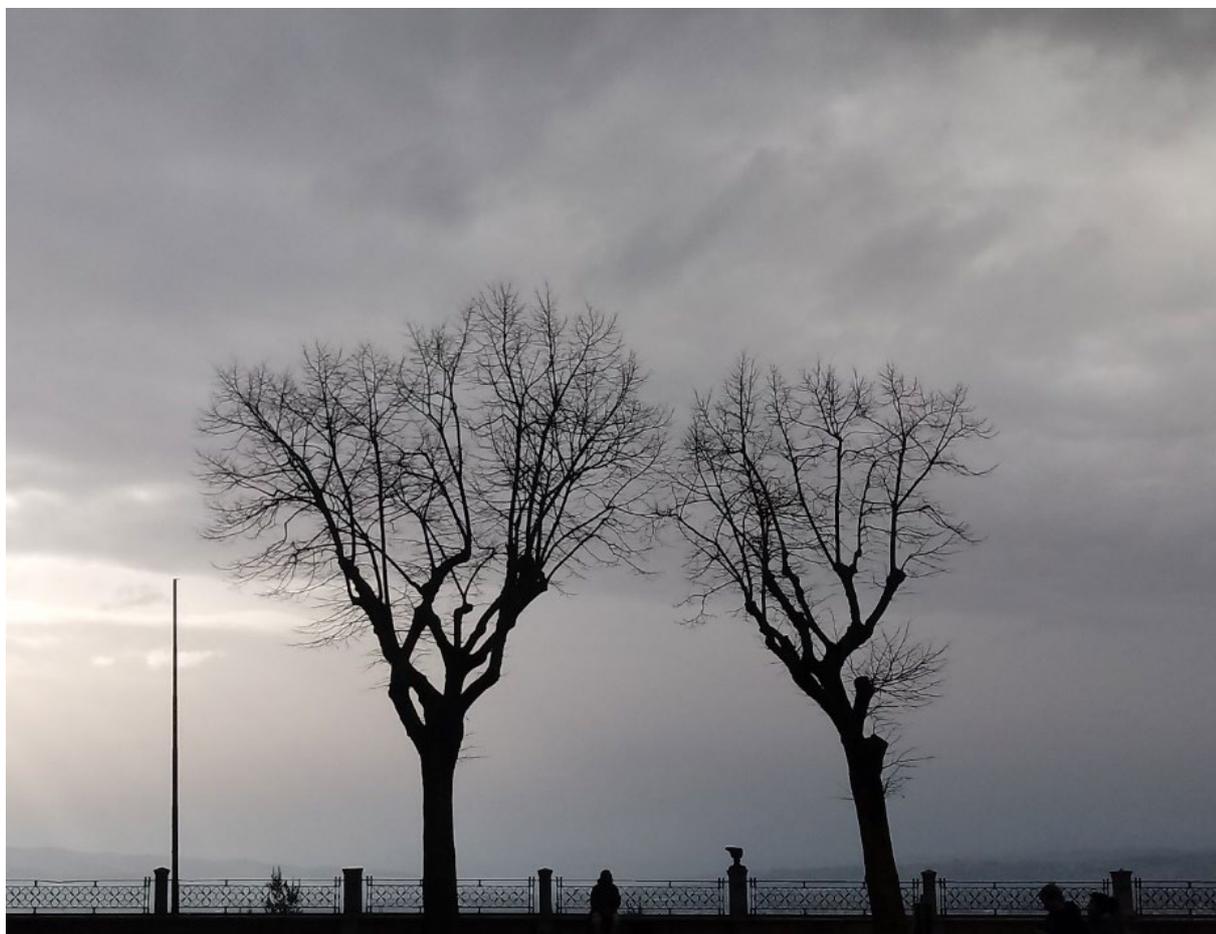


Quarto de hotel. Edward Hopper. 1931.

Toda a noite sofri a lua.
Lá fora não sei que pássaro
Bicava as horas,
Que grande fome pulsava nas sombras.
Só em mim
As pontes resplandeciam,
Só em mim secavam as águas.

Sidney Nicéas

O VELHO (E EU)



O VELHO (E EU)

Foto: Malthus Queiroz. Assis, 2018.

Numa esquina de sonhos
pedradas
o homem varria
os corpos;
fazia calor e lembranças
serpenteavam algodões
na cabeça:
aqueles caixões de um dia,
a terra sobrestado, forçosa,
o nada lambendo tudo...
não,
os corpos na rua agora
eram outros (nós),
os tanques
as fardas
os sangues
as balas
a mesma inação da maioria,
as estocadas no coração
de quem nunca escapou da
miséria humana;
naquela esquina nenhum sonho
sobrevive:
o velho ansiava por
vida
– tantos anos se amontoaram
desde tantos outros isolamentos seguiram
e nada,
nada havia mudado,
nada...
a
(minha)
esperança
é uma pá de terra
envelhecida.

Sonia Marques

AMPARO

AMPARO



Ilustração de Eliane Lordello para o poema Amparo, de Sonia Marques

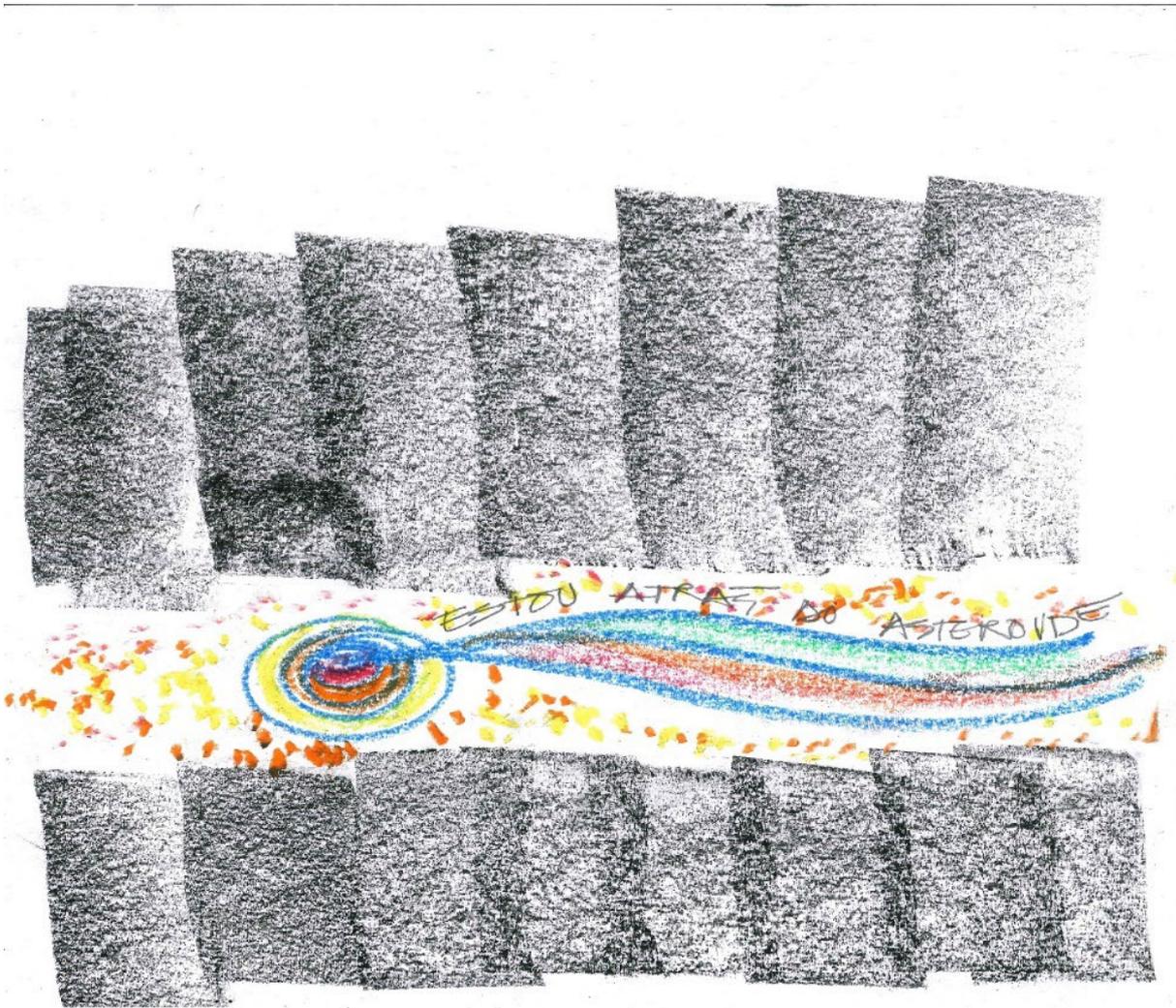
A Rua do Amparo
é larga e sinuosa
e desemboca
em generoso largo
onde jogamos os baldes
da esperança

Ágora amiga
adro perfeito
onde se dança
aí ficamos
não ultrapassamos os balcões
ignoramos
o que deles se alcança

Mas nos outeiros
do Carmo
nas encostas
a manhã no parto
se avizinha
lenta e mansa
como quem vai embora

Sonia Marques

E. T.



E. T.

Ilustração de Eliane Lordello para o poema E.T., de Sônia Marques

Eu vivo noutro planeta
e não vim para esta terra
para dizer que o rei está nu

Não vim insultar ninguém
não vim para viver mandando
o mundo tomar no cu

Não quero ferir ninguém
e nem ter faca na bota

É que a paciência é pouca
cedo
ela logo se esgota

É que sou de outro planeta
e onde vejo maçaneta
é na verdade
ferrolho
Aqui nem sei distinguir
quem é cego
ou é caolho

Eu procuro ser gentil
Perguntei: quem é você?
Ela disse: sou um til
o chapéu do meu marido
Eu disse: Não faz sentido
Não pensei fosse agressão
Mas eu sou de outro planeta
e como o pequeno príncipe
estou atrás do asteroide

quero este mundo mais não